



grupo parlamentar

ORÇAMENTO E PLANO 2014
António Marinho
26 de Novembro de 2013

Senhora Presidente
Senhoras e Senhores Deputados
Senhor Presidente
Senhora e Senhores Membros do Governo

Este governo tomou posse há cerca de um ano.

Um ano depois, debatemos os documentos orçamentais para o segundo ano da legislatura.

É um tempo de balanço, compatível com o “olhar para o futuro” que se deve associar aos próximos três dias. É tempo de avaliar o que foi bem feito, assim como de reconhecer aquilo que não correu bem.

E se consideramos essencial falar do passado, em particular do passado recente da sociedade açoriana, é só porque temos consciência que, assim, podemos ter uma melhor perspetiva do que pode ser o futuro dos Açores. Ficaremos, certamente, mais

habilitados a dar os nossos contributos para a recuperação da esperança dos Açorianos.

As pessoas necessitam, quanto antes, de voltar a pensar que podem alcançar uma vida melhor do que aquela que têm tido.

É o que sempre nos move. As pessoas. De uma forma especial, agora, quando se prepara o ano que aí está a chegar.

Queremos olhar para o passado, porque queremos contribuir para a construção de um futuro melhor para os Açores.

Senhora Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhora e Senhores Membros do Governo

Bem sabemos como, há um ano, este governo tentou fazer esquecer os dezasseis anos dos governos que o precederam. Foi o tempo de falar dos “governos velhos”. Uma vã tentativa de separar águas que, afinal, faziam parte da mesma corrente. Um truque que, só por manifesta ingenuidade, podia levar a pensar que este era um “governo novo”, que iria arrancar sem mácula.

Um ano depois, a máscara do “governo novo” caiu redondamente. Os problemas criados pelos “governos velhos”

não desaparecerem. Pelo contrário. A situação é agora bem mais grave e cada vez mais preocupante. Que o digam os Açorianos.

Não vamos aqui fazer o papel em que o governo se viciou. Não vamos falar a preto e branco. Não vamos dizer que tudo está mal, em contraponto ao governo, para quem tudo está sempre bem.

Naturalmente que há domínios que até têm registado evoluções favoráveis. E ainda bem.

Mas seria irresponsável ignorar o que está mal. E não temos dúvidas em dizer que o que é mau suplanta largamente o que foi bom. Globalmente, os Açores tiveram um recuo brutal.

Basta pensar apenas num domínio. O do emprego. É nele que se traduz, de forma clara, o marasmo que vive a economia açoriana. E é nele que se encontra a razão para a degradação dos indicadores açorianos de natureza social.

O desemprego é a consequência dos constrangimentos vividos pelas empresas nos Açores. E é, também, a causa dos tormentos e dificuldades acrescidas que vivem as famílias açorianas.

Na verdade, o governo falhou naquele que seria o principal desígnio da sua atuação. Se há um ano herdou um nível de

desemprego já perfeitamente assustador, não o conseguiu estancar, como tinha prometido. Com este governo, o problema tornou-se bastante mais trágico.

Com cerca de 18,600 desempregados há um ano atrás, a quem tinha que dar resposta, o governo não a deu. Pelo contrário.

Criou um exército de desempregados nos Açores, que aumentou substancialmente as preocupações. Envolve agora 21,545 Açorianos. Representa uma taxa de desemprego de 17.7%, nunca antes alcançada. Nem pelos “governos velhos”, nem, muito menos, pelos que os antecederam.

Senhora Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhora e Senhores Membros do Governo

Não vamos aqui dizer que a culpa reside apenas nas opções governativas do Governo Regional. É óbvio que a austeridade nacional gera consequências, também nos Açores. E se a necessidade de medidas apertadas decorre de um rigoroso Programa de Assistência Financeira que um governo socialista trouxe para Portugal, não hesitamos em dizer que algumas dessas medidas poderiam ser menos penosas na sua aplicação,



grupo parlamentar

embora sob pena de os resultados alcançados não serem os desejados.

Mas nós não temos, por cá, um Governo Regional que não se cansa de publicitar que lança medidas atrás de medidas para compensar os Açorianos das “maldades” que consideram vir do Governo da República?

Sendo assim, por que razão, em relação ao desemprego, são batidos nos Açores máximos atrás de máximos, ao arrepio do que se passa nas outras regiões do país? E por que razão o nível de desemprego tem aumentado nos Açores e tem regredido paulatinamente em termos nacionais?

Então os efeitos da austeridade, compensados pelo Governo Regional, que frequentemente disso faz propaganda, agravam por cá o que melhora por lá?

Efetivamente, este Governo Regional fez que fez. Mas, na verdade, não fez.

Senhora Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhora e Senhores Membros do Governo

Da parte do PSD/Açores, o governo não tem tido razões para se queixar. Absteve-se, há meio ano, na votação do Orçamento para 2013. O facto de se viver a maior crise social e económica dos últimos 40 anos assim o impôs.

O PSD/Açores não pôde servir para qualquer desculpabilização, nem criou obstáculos a qualquer solução que servisse para mitigar as dificuldades dos milhares de Açorianos desempregados.

E o PSD/Açores não tem qualquer responsabilidade pela situação que existia, e que existe. Sempre dialogou e deu contributos, designadamente para atacar o desemprego, principal problema da sociedade açoriana. Um comportamento, aliás, oposto ao dos socialistas na República, onde, como principais responsáveis pela situação a que chegou Portugal, continuam a esquivar-se quando se trata de colaborar nas soluções.

O PSD/Açores, responsavelmente, deu também o seu contributo para a Agenda Açoriana para a Criação de Emprego e Competitividade Empresarial. Agenda que incluiu várias medidas anunciadas como novidade, ainda que muitas delas há muito existissem, tendo apenas vestido roupa nova. E tinha,



grupo parlamentar

obviamente, medidas acertadas. E tinha, também obviamente, algumas falhas.

O PSD/Açores deu o acordo de princípio quanto à sua concretização.

Os resultados não surgiram, como agora se comprova.

É que, para concretizar, não bastam os anúncios. Nem medidas de circunstância que não dêem lastro à economia. Nem apenas a divulgação do dinheiro teoricamente disponível. Nem, muito menos, a mera publicação de Resoluções do Conselho de Governo, Decretos Regulamentares Regionais ou Portarias.

A concretização exige medidas que possam ser efetivamente acolhidas pelas empresas e que sejam devidamente ajustadas à realidade que se vive, e que vai mudando.

Se à Agenda faltam resultados, como é mais do que notório, em função do agravamento dramático do desemprego nos Açores, a responsabilidade é exclusiva do Governo Regional.

Compreende-se, por isso, o desespero que afeta os socialistas açorianos. Compreensão que, obviamente, não abrange o seu “atirar de culpas” para a oposição, que sempre tem colaborado

nos termos em que o pode fazer. Nem o seu inacreditável ataque aos parceiros sociais. Nem as declarações carregadas de agressividade, posteriormente objeto de forte travagem, perante a postura disponível da oposição.

Inconcebíveis são, também, as justificações atrás de justificações que sempre se lançam quando as contrariedades estatísticas destroem o auto-elogio governamental recorrente. Justificações que, por vezes, de tão estapafúrdias, roçam o ridículo.

É certo que a inteligência dos Açorianos as desvaloriza, sentindo a areia que lhes é atirada para os olhos. Mas a verdade é que traduzem uma atitude perfeitamente patética por parte dos responsáveis do governo que as protagonizam.

Assumir maus resultados é salutar para a definição e implementação de boas soluções. Reconhecer erros é um bom princípio que deve ser seguido em todas as situações da nossa vida. Pessoal ou colectiva.

Este Governo Regional tem que parar de se justificar. Tem que deixar de se desculpabilizar.

O governo tem que concretizar. É para isso que os Açorianos o escolheram.

Senhora Presidente



grupo parlamentar

Senhoras e Senhores Deputados
Senhor Presidente
Senhora e Senhores Membros do Governo

Há um ano, o “governo novo” queria dar uma “via nova” aos Açores.

Ficou-se pelas intenções. Ficou como os “governos velhos”. Não mudou. Manteve-se na “via velha”.

Tem agora mais um ano pela frente. Vai ter à disposição o Orçamento e o Plano que estamos a debater.

São documentos pouco ambiciosos, por força das circunstâncias.

Porque são documentos de emergência, para acudir a quem passa por um mau bocado, em vez de arrastarem a economia açoriana para a criação de emprego que todos desejavam.

Porque são documentos para regularizar o que ficou por pagar, numa longa e avultada lista de credores.

Porque são documentos que prosseguem opções de desorçamentação, varrendo o endividamento para debaixo do tapete do sector público empresarial.

Porque são documentos onde avultam e crescem rendas de obras passadas, em que os investimentos para o futuro são bastante menores do que as empresas desejariam.

Porque são documentos que não agradaram aos parceiros sociais. Do lado sindical ou do lado empresarial.

Do lado da oposição, sairão contributos que os podem melhorar.

Da parte do PSD/Açores já foram apresentadas propostas. Não os transformarão em documentos óptimos. Podem, simplesmente, torná-los mais justos em alguns domínios.

São propostas que sinalizam outras opções. São propostas com outras soluções que, legitimamente, consideramos melhores do que as apresentadas pelo Governo Regional.

Senhora Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhora e Senhores Membros do Governo

Este devia ser o momento da inversão. A esperança dos Açorianos podia começar a surgir hoje.

Da parte do PSD/Açores, os Açorianos podem contar connosco. Podem, como sempre, contar com uma atuação responsável.



grupo parlamentar

O Orçamento e o Plano para 2014, por mais um ano, vão merecer a nossa abstenção. Pelo menos por mais um ano, não vamos ser obstáculo a medidas que já deviam estar implementadas.

Desta vez, contudo, não podemos sequer dar ao governo o benefício da dúvida. Vamos pensar, apenas, nos Açorianos que sofrem as consequências da maior crise financeira, económica e social em tempos de Autonomia.

São as 21,545 pessoas que estão a viver o drama do desemprego que constituem a nossa principal preocupação.

O seu futuro, e o futuro dos Açores, estão nas mãos do governo!

Disse